

• 1 JUL 1986

O ESTADO DE S. PAULO

## Política

# Sarney defende economia livre

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Mesmo sabendo que a questão da limitação dos poderes do Estado no desenvolvimento da economia brasileira é bastante polêmica, o presidente José Sarney defendeu-a ontem como um princípio a ser introduzido na nova Constituição. Ele reconhece que a atual não é muito clara neste item, ao mesmo tempo que considera necessária a reconstrução da economia do País a partir desta tese.

Essa idéia foi manifestada ontem pelo próprio presidente ao escritor francês Guy Sorman, durante audiência à qual compareceram Ruy Mesquita, diretor responsável do Jornal da Tarde, e Carlos Chagas, diretor da sucursal de Brasília. O pensador francês, que está no Brasil a convite do JT, encontrou-se também ontem com o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, e com o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes.

Economista por formação e escritor de sucesso na França, Guy Sorman prepara-se para lançar seu terceiro livro — "A Riqueza das Nações" —, motivo que o trouxe ao Brasil, já que pretende analisar e comparar no livro o desenvolvimento econômico de alguns países, tendo a gente Brasil, China e Índia. Ele considera esses três países os melhores exemplos de onde o modelo de liberalismo econômico tende a ter sucessos. Dentro deste contexto, suas



Julio Fernandes

Na entrevista, Sarney defende posições claras na Constituição

idéias encontraram respaldo junto ao presidente José Sarney e ao ministro Funaro. Para o presidente José Sarney, "quanto mais a presença do Estado aumenta na economia do País, mais a situação política tende a se envolver de uma fachada ditatorial".

Já o ministro Dílson Funaro, durante sua audiência ao escritor francês, disse que as dívidas do Estado sobem a um nível insuportável e manifestou seu contentamento pelo fato de, atualmente, ocorrer um au-

mento considerável nos investimentos da iniciativa privada, ao contrário do que aconteceu no período de 1975 a 1980. Para Funaro é necessário manter os investimentos estatais no setor petrolífero e no campo da energia. No caso do petróleo, por causa das fontes descobertas e, no que diz respeito à energia, por um curto prazo, devendo posteriormente passá-lo também para a iniciativa privada.

Já o presidente Sarney criticou o modelo econômico que levou ao endividamento externo e definiu-se co-

mo um homem liberal, que no momento tenta reconstruir as instituições, a economia nacional e ainda preparar o País para o século XXI.

### REFORMA AGRÁRIA

Falando sobre o momento político, o presidente Sarney disse ao escritor francês que o País vive uma fase de grandes decisões. "Tivemos uma grande crise de pessimismo e de falta de confiança nos destinos do País" — disse Sarney. E depois de cinco governos militares, o País se prepara para, sob um governo civil, unir-se em torno de uma perspectiva nova. Minha tarefa é começar um trabalho de transição dentro de uma conciliação."

Sobre a reforma agrária, o presidente informou ao pensador Sorman que este foi, antes de mais nada, um compromisso da campanha da Aliança Democrática: "Um compromisso que tínhamos de cumprir, principalmente porque o País se tornaria ingovernável com toda sorte de tensões, como aquelas que tínhamos, e uma que poderia nos immobilizar é exatamente a da luta pela terra, pela reforma agrária".

Para o presidente Sarney, seu projeto de reforma agrária tentou juntar as duas coisas: primeiro, solucionar o problema do homem sem terra e, segundo, esvaziar as tensões que se acumulam no campo. Ele reafirmou que o projeto do governo "que, aliás, é baseado no Estatuto da Terra, jamais executado" só será aplicado em terras improdutivas.